

**TURISMO SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICA, SÓCIO-POLÍTICA,  
ECONÔMICA-ADMINISTRATIVA E AMBIENTAL<sup>1</sup>**

**Carlos Alberto Cioce Sampaio<sup>2</sup>**

**Simone Calistro Fortes<sup>3</sup>**

**Resumo:** A temática do Turismo tem sido estudada sobretudo sob a ótica das Ciências Sociais Aplicadas. Utilizando-se também de referências bibliográficas das Ciências Humanas, esta pesquisa tem como objetivo sugerir proposições que amplie o entendimento desta temática. Epistemologicamente, incorporou no debate as perspectivas histórica, sócio-política, econômica-administrativa e ambiental sobre turismo de modo que pudesse superar a ótica do racionalismo utilitarista. Adicionou-se a este *caldeirão*, um ensaio original, contudo ainda incipiente, que discerne sobre tipos de racionalidade que não só se baseiam no cálculo de conseqüências individuais (um ganha e outro perde). Acredita-se que a racionalidade utilitarista seja um dos principais fatores causadores do distanciamento das benesses da atividade turística às comunidades receptoras em experiências de destinações turísticas.

**Palavras-chave:** Epistemologia do Turismo; Sociologia do Turismo; Metodologia do Turismo

**Abstract** This paper based on bibliographical references of Humanities, Environmentalism and Applied Social Sciences. It's objective suggests propositions that enlarges the understanding of Tourism. Methodologically, it incorporated in the scientific debate types of rationality and tacit knowledge in processes that share new experiences which, not always, are necessarily used of the individualistic utilitarian rationality, originated from the estrangement of the benefits caused by the touristic activity to the receivable communities.

**Keywords:** Tourism's Sociology; Receivable Communities; Rationality.

---

<sup>1</sup> Este artigo é síntese do livro Sociologia do turismo: implicações da atividade turística como fenômeno humano que está sendo concluído.

<sup>2</sup> Professor dos Programas de Pós-Graduação em Administração (PPGAd) e Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade Regional de Blumenau (FURB); Coordenador do Núcleo de Estudos Complexos em Estratégias Organizacionais (NEO) / PPGAd e PPGDR / FURB; Pesquisador do Núcleo de Meio Ambiente e Desenvolvimento (NMD) do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>3</sup> Coordenadora do Curso de Graduação e Turismo e Lazer da Universidade Regional de Blumenau (FURB).

O turismo é um fenômeno, isto é, ele pode ser observado. O fenômeno turismo pode ser observado sob os contextos: histórico, econômico, sócio-filosófico e ambiental, além de outros que não estão sendo privilegiados neste estudo. Estes contextos são interdependentes, cada um interage com o outro, ora se complementando ora se contradizendo. Nessa encruzilhada de relações, tem-se como objetivo discutir o tema turismo na sua complexidade ou, melhor, como fenômeno humano.

As perspectivas do turismo como fenômeno humano propõem descrever e analisar pressupostos que podem concomitantemente resgatar e construir uma ação social que medeie melhor os interesses de comunidades receptoras, com o *trade* das destinações turísticas de modo que possa diminuir o vácuo existente entre estes dois elementos que equivocadamente, muitas vezes, são considerados como extremos opostos. Nesta direção, deseja-se superar a ótica das ciências sociais aplicadas, complementando-a com as ciências ambientais (humanas e sociais). Assim, tem-se como expectativa que este estudo possa ser uma obra de referência para a disciplina de sociologia do turismo e em temáticas limítrofes a esta, inseridas tanto nos cursos de graduação quanto nos programas de pós-graduação em turismo e suas derivações, como hotelaria, lazer e eventos.

Este trabalho está sendo escrito a partir de ensaios, pesquisas bibliográficas e práticas sociais intervencionistas realizadas no âmbito de núcleos de pesquisa vinculados a Programas de Pós-Graduação<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Núcleos de Estudos Complexos em Estratégias Organizacionais (NEO) e de Políticas Públicas (NPP), vinculados institucionalmente aos Programas de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau (FURB), com as cooperações técnica do Curso de Graduação em Turismo da FURB e científica com os Núcleos de Meio e Ambiente e Desenvolvimento (NMD) do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política e de Estudos da Água (NEA) do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, ambos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e o Departamento de Turismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (CAPES).

## 1. Turismo como fenômeno histórico

O antropóide<sup>5</sup> foi o primeiro elo vivo do homem (aproximadamente 10.000.000 de anos), entretanto, ele assemelhava-se mais com os símios (macacos). O segundo elo humano, o hominídeo (4.000.000 de anos), este sim aparentava mais com o homem. E na Era Glacial (aproximadamente entre 100.000 a 50.000 anos atrás) surge o *homo sapiens*, ou seja, o homem com suas características atuais.

Num primeiro momento dos ciclos civilizatórios humanos<sup>6</sup> (aproximadamente 12.000 anos) ocorreu grandes ocupações em regiões prosperas com abundância de riquezas naturais, como por exemplo a Mesopotâmia<sup>7</sup>. Este período é conhecido pela formação de comunidades domésticas humanas<sup>8</sup> que se contrapõem aos movimentos nômades (supracaracterística das populações que viviam no período pré-civilizatório). No âmbito das comunidades domésticas pressupõe-se que existiam condições ideais para o surgimento das primeiras comunidades com características receptoras ao turismo.

As comunidades domésticas se caracterizavam pela permanência humana num determinado lugar. A permanência humana, sem um grande rigor taxológico, constitui uma comunidade sexual duradoura, representada pela família (pai, mãe e filhos), pelas relações matrimoniais (entre filhos de pais diferentes) e pelas relações de vizinhança, que se mantinha através da convivialidade humana<sup>9</sup>.

Este tipo de comunidade perdurou a partir da sociabilidade de seus membros<sup>10</sup>, e não para salvaguardar interesses individuais na posse de bens materiais<sup>11</sup>. Para que a

---

<sup>5</sup> Subordem dos primatas que inclui os macacos e o homem; apresentam cérebro grande e desenvolvido, face capaz de expressar emoção, olhos voltados para frente, um par de mamas e dedos com unhas achatadas, são diurnos e vivem nas árvores ou no chão (HOUAISS, 2001).

<sup>6</sup> MORIN (1975); CHARDIN (2001); TOYNBEE (1987).

<sup>7</sup> Mesopotâmia significa terra entre rios, que neste caso refere-se aos Rios Eufrates e Tigre Atualmente, esta região pertence ao Iraque. (ENCICLOPÉDIA CONHECER 2000, 1995).

<sup>8</sup> WEBER (2000).

<sup>9</sup> WEBER (2000).

<sup>10</sup> Não muito diferente de outros grupos de espécies animais, tais como: chimpanzés, leões, hienas e golfinho.

<sup>11</sup> POLANY (2000, p.65).

sociabilidade perdurasse, isto é, gerasse bem estar social, era necessário realizar acordos, independentemente se estes fossem de ordem tácita<sup>12</sup> ou explícita. Sob esta ótica, o turismo pode ser considerado como um acordo para possibilitar o deslocamento de pessoas entre comunidades. Podia-se acordar entre as comunidades interessadas, por exemplo, qual é o número de viajantes (estrangeiros<sup>13</sup>) permitidos para se alojarem nas comunidades receptoras. Imagina-se que o prato contendo as célebres lentilhas egípcias, que era um atrativo em Alexandria<sup>14</sup>, possuía uma capacidade de carga. Além de acordos, a comunidade doméstica utilizava instrumentos<sup>15</sup> para tornar a vida de seus membros melhor. O turismo, de um certo modo, é um instrumento (necessita manuseio) que facilita o deslocamento humano, ou seja, pressupõe coordenação de algumas atividades, tais como, hospedagem, refeições e entretenimento, para que o evento turístico ocorra. Cita-se a realização dos primeiros jogos olímpicos<sup>16</sup>.

## 2. Turismo como fenômeno econômico-administrativo

Num segundo momento desse período civilizatório, caracterizou-se pela predominância de fluxos econômicos entre comunidades domésticas humanas.

A economia é um termo que teve seu significado modificado ao longo dos últimos dois milênios e meio.<sup>17</sup> A origem da palavra economia é grega e denominava o gerenciamento de uma casa, oikos – moradia<sup>18</sup>.

Atualmente, economia é um substantivo de difícil adjetivação, isto é, onipresente. Supera o gerenciamento da espacialidade doméstica, típica de comunidades receptoras. A economia atualmente vai além, inclusive tentando gerenciar toda a vida humana. Em outras

---

<sup>12</sup> De difícil mensuração.

<sup>13</sup> Os atenienses não consideravam os estrangeiros como possuidores dos mesmos direitos do que os cidadãos da *Polis* (ARISTÓTELES, 1991).

<sup>14</sup> AGOSTINHO (1987).

<sup>15</sup> Diferentemente de outros grupos de espécies animais, embora, algumas as possuem em menor grau, tais como: chimpanzés e corvos.

<sup>16</sup> ENCICLOPÉDIA 2000 (1995).

<sup>17</sup> HUBERMAN (1978).

palavras, surge o agir econômico<sup>19</sup>, baseado no senso utilitarista hobesiano (cálculo de conseqüências<sup>20</sup>) que distorce o sentido de felicidade ao ponto de que seja sinônimo de se obter bens (mercadoria), de forma a substituir as satisfações afetivas, e assim se correr o risco de dela se tornar escravo, tendo a necessidade material sempre crescente, para mascarar a nossa insatisfação afetiva e o nosso mal-estar<sup>21</sup>.

Entretanto, acredita-se que a desigualdade econômica não é natural e a competição econômica tampouco o é<sup>22</sup>, isto é: não é uma lei da natureza<sup>23</sup>. Conseqüentemente, não se tem dúvidas de que o fenômeno turismo supera, na sua essência, a perspectiva de uma atividade utilitarista com feição econômica e compensatória aos seus efeitos: à neurose do excesso ou da pressão de trabalho<sup>24</sup>.

É necessário resgatar a percepção (visão de mundo) das comunidades domésticas de poder alcançar o bem estar social dentro dos parâmetros de uma ação social-econômico-cultural local (endógena), entretanto, sem correr riscos de um localismo exagerado, e sim transformá-la numa comunidade de vistas, decidindo o que ela quer ser, grande ou pequena, criando no momento em que percebe sua vocação econômica<sup>25</sup>.

### **3. Turismo como fenômeno social-filosófico**

A divisão de trabalho com traços capitalistas, surgida após a revolução industrial (século XVIII), na qual polarizou as forças do capital de um lado e do trabalho de outro<sup>26</sup> e, ao mesmo tempo, a discussão ainda emergente da tríade liberdade, igualdade e fraternidade,

---

<sup>18</sup> TOYNBEE (1987).

<sup>19</sup> Racionalização técnica-produtiva-utilitarista (SEN, 2000; BOBBIO et al., 2000).

<sup>20</sup> HOBBS DE MALMESBURY (2000).

<sup>21</sup> MARCUSE apud SACHS (1986); DE MAIS (2000).

<sup>22</sup> SINGER (2002); POLANY (2000); MANNHEIM (1971).

<sup>23</sup> Apologia que se faz a teoria do evolucionismo baseado nos princípios da seleção natural das espécies (DARWIN, 2002).

<sup>24</sup> DUMAZEDIER (1999).

<sup>25</sup> SAMPAIO (2002).

<sup>26</sup> Não se tem a pretensão de contradizer a teoria marxiana, entretanto, se deseja apontar algumas perspectivas novas no debate sociológico,

a partir da revolução francesa (século XVIII), contrapondo o Estado absolutista de traços hobesiano<sup>27</sup>, herdeiro de um feudalismo senhoril, supracaracterística do sistema social-econômico da Idade Média (entre os séculos IX e XIII), não conseguiram reverter as patologias sociológicas que descaracterizaram às comunidades domésticas ocasionadas pela sobreposição da racionalidade utilitarista individual a valorativa coletiva.

É preciso retroceder no tempo e resgatar os valores da integridade verdadeiramente humana, discutida na filosofia clássica<sup>28</sup>, tais como os que aqui estão sintetizados: intelectual, estética, moral e espiritual. A intelectualidade tem que almejar a verdade dos fatos, e não reduzi-los ou, mesmo, distorce-los para melhor compreende-los. Esteticamente, a beleza deve revigorar o sentido de pureza, e não da futilidade. Moralmente tem-se que ressaltar a solidariedade humana em detrimento do bem estar individual. E espiritualmente, a unidade deve ser almejada para fortalecer as relações humanas, ao invés do interesse econômico<sup>29</sup>. É necessário resgatar a ação social com traços weberianos<sup>30</sup>, na qual relaciona os elementos agente, meios e fins, e rediscuti-los, relacionando-os com a razão valorativa sob as óticas substantiva<sup>31</sup>, paraeconômica<sup>32</sup>, comunicativa<sup>33</sup> e ambiental<sup>34</sup>, com a mesma intensidade do que, normalmente, se faz com a racionalidade utilitarista sob as óticas da burocracia<sup>35</sup>, economia<sup>36</sup> e determinismo pragmático<sup>37</sup>,

Faz-se necessário encontrar um tipo de ação social que possa melhor mediar os interesses das chamadas comunidades domésticas potencialmente receptoras com o *trade* da destinação turística, isto é, as comunidades têm o direito de decidir o que elas querem ser. Caso queiram ser uma destinação turística, possam estabelecer quais são os limites de

---

<sup>27</sup> Hobbes (2000) utiliza a metáfora Leviatã, que na mitologia significa monstro marinho do caos primitivo mencionado na Bíblia, para designar o Estado (HOUAISS, 2001).

<sup>28</sup> Se tem menções do filósofo Sócrates, entretanto nada escrito por ele. Inclusive, existe uma discussão da sua real existência (PLATÃO, 2000; Aristóteles, 1991, 2000, 2002).

<sup>29</sup> MORRIS (1998).

<sup>30</sup> WEBER (2000).

<sup>31</sup> WEBER (2000); MANNHEIM (1971).

<sup>32</sup> RAMOS (1989).

<sup>33</sup> HABERMAS (1989).

<sup>34</sup> LEFF (2001).

<sup>35</sup> WEBER (2000).

<sup>36</sup> MARX (2000).

<sup>37</sup> DEWEY apud ROHMANN (2000).

carga do impacto ocasionado pelo trade turístico.

As ditas comunidades domésticas devem assumir uma ação compromissada<sup>38</sup>, que surge da insatisfação moral (vácuo institucional) provocada pelos interesses individuais baseados no cálculo meios e fins utilitaristas, se configura, por sua vez, numa racionalidade alternativa, a racionalidade solidária<sup>39</sup>. É difícil de imaginar que um proprietário de um hotel não fique perturbado ao se despejar o esgoto de sua empresa no rio.

Por outro lado, não se quer cair nos riscos da ideologia, do romantismo utópico e da generalização, muito menos, no risco do ceticismo, da imobilidade e da especificação. Acredita-se que é necessário permitir uma flexibilização na busca do entendimento do saber científico, de modo que possa permitir mecanismos que transformem o conhecimento tácito, de difícil mensuração, em conhecimento explícito, racionalizado<sup>40</sup>. Isto é: nas experiências de Agenda 21 em destinações turísticas e do Plano Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), deve-se levar também em conta, além da diversidade de conhecimento racional encontrada entre sujeitos, uma significativa diversidade subjetiva de conhecimento tácito encontrada entre sujeitos que compartilham das mesmas argumentações racionais<sup>41</sup>. Isto é, *a racionalização, muitas vezes, consiste em elaborar uma explicação que é mais uma justificação dos nossos atos do que a avaliação adequada dos motivos que os ocasionaram. Emprega-se esse recurso, geralmente, quando nossos hábitos de agir ou os nossos padrões de comportamento entram em conflito recíproco. O indivíduo, nesta situação, pode mentir conscientemente ou iludir-se com alguma explicação que lhe pareça satisfatória, embora inadequada ao acontecimento real*<sup>42</sup>. Isto é: afinal, é racional para quem<sup>43</sup>?

#### **4. Turismo como fenômeno ambiental**

---

<sup>38</sup> Compromisso significa, por exemplo, que pessoas com interesses semelhantes que competem, tendo em vista alcançar alguma vantagem, cedem uma parte da sua vantagem na base de um acordo racionalizado (MANNHEIM, 1971, p. 78). Além de ser um compreender um estado de participação, é um sentimento de total responsabilidade na transformação da visão em realidade (SENGE, 2001).

<sup>39</sup> SEN (2000).

<sup>40</sup> POLANY (1983).

<sup>41</sup> SAMPAIO (2003a).

<sup>42</sup> MANNHEIM (1971, p.57).

O desenvolvimento sustentável surgiu de uma consciência planetária das ameaças embutidas no projeto da civilização industrial-tecnológica - explosão demográfica e pobreza, industrialização poluente e uso predatório de recursos naturais - no início da década de 70<sup>44</sup>. Desde então, a complexa teia de inter-relações homem-meio ambiente encontra-se em rápida disseminação em todo o mundo. Nestas discussões, surge a questão da problemática ambiental e do meio ambiente com várias acepções, fundamentalmente situadas entre dois pontos extremos - o conservacionista e o chamado novo naturalismo<sup>45</sup>.

A concepção conservacionista, de maneira geral, prima o mito da natureza intocada no qual pressume o homem como um destruidor do meio ambiente<sup>46</sup>, isto é: natureza e homem são conceitos dissociados, elevando a natureza como sujeito e, de certo modo, o homem como objeto. Para ilustrar, cita-se o modelo de parques nacionais desabitados, surgido nos Estados Unidos (Yosemite National Park- Califórnia), em meados do século XIX, onde não é permitida a residência humana em área protegida.

Dentro da concepção novo naturalismo, a relação homem-meio ambiente é simbiótica. Esta perspectiva originou-se das terminologia conhecidas como problemática ambiental e desenvolvimento sustentável. Exemplificando: a política nacional de gerenciamento local de recursos renováveis em Madagascar<sup>47</sup>, onde as comunidades domésticas locais contribuem na gestão dos recursos naturais em áreas de reservas ambientais.

A temática do turismo, de certo modo, vem sendo discutida ora como uma atividade tipicamente econômica (muitas vezes confundida com a terminologia indústria do turismo) ora como uma atividade econômica-sócio-ambiental (turismo sustentável)<sup>48</sup>.

---

<sup>43</sup> MORGAN (1986).

<sup>44</sup> SAMPAIO (2000).

<sup>45</sup> MOSCOVICI (1992).

<sup>46</sup> DIEGUES (1996).

<sup>47</sup> BERTRAND e WEBER (1995).

<sup>48</sup> O autor está participando atualmente de um projeto interdisciplinar no NMD/UFSC que pode ser uma tentativa de promover um turismo sustentável. O projeto se intitula Educação para o Ecodesenvolvimento:

A terminologia industria do turismo, certamente de fácil correlação com o projeto civilizatório industrial-tecnológico, transforma o adjetivo econômico, diferentemente dos seus pares – social e ambiental – em substantivo. Nesta vertente, no qual se tem uma preocupação maior com o sujeito chamado turista e sua demanda por necessidades, do que com o objeto denominado população receptiva e sua oferta de bens e serviços.

O turismo sustentável, invertendo os papéis entre sujeito e objeto, tem como premissa estudar os impactos da atividade turística na comunidade doméstica, ou seja, população receptiva, vista como sujeito da ação social, repensando as estratégias de um novo estilo de desenvolvimento no contexto da demanda social – regulando os padrões de consumo e os estilos de vida – e da oferta de bens e serviços – regulando um conjunto de funções produtivas<sup>49</sup>.

## **5. Considerações finais: Turismo como fenômeno humano**

A temática turismo deve ser tratada com um enfoque interdisciplinar, diferentemente do que normalmente se verifica nos estudos teóricos, metodológicos e empíricos inseridos nas Ciências Sociais Aplicadas. O objeto turismo, como outros, transcende a perspectiva disciplinar de um sujeito. Tratá-lo dessa forma é distorcer o fato turismo em detrimento de reducionismo disciplinar de juízos valorativos. Distorções também ocorrem na temática da administração, que, aliás, é o berçário do enfoque tradicional do turismo, pois, ambas temáticas, muitas vezes, também tratam hipóteses como fossem realidades já verificadas, resultando em modelos dedutivos incompletos que, muitas vezes, são tidos como modelos acabados.

Embora se aponte o turismo como um fenômeno humano<sup>50</sup>, não implica que ele seja predominante cultural<sup>51</sup>, isto é, que o homem está amarrado a teias de significados que ele

---

Avaliação Participativa de Ecossistemas Litorâneos na Comunidade de Ibraquera (Município de Imbituba-SC).

<sup>49</sup> SACHS (1986); DE MASI (2000); GADGIL (2000).

<sup>50</sup> Parafrazeando Chardin (2001).

mesmo teceu<sup>52</sup>. A exemplo disto, cita-se o equívoco de distinguir a espécie humana em raças branca, preta e amarela que, sob qualquer circunstância, não é um fenômeno científico, mas, sobretudo, cultural<sup>53</sup>.

O turismo é causa-efeito de uma dinâmica humana, incubando novos modos de agir, concomitantemente, quando modos de agir tradicionais estão desaparecendo. É necessário incorporar no debate científico o conhecimento tácito, ou seja, aquele que se desenvolve no sub-consciente<sup>54</sup>, mas possui elementos de pré-cognição de difícil racionalização monodisciplinar, embora não seja impossível transdisciplinarmente. O conhecimento tácito existe em processos que compartilham experiências novas e que, nem sempre, se utilizam necessariamente de conhecimentos puramente racionais. Os aprendizes, por exemplo, trabalham com seus mestres e aprendem sua arte não através da linguagem (considerada como possuindo elementos de razão), mas sim através da observação, imitação e prática (consideradas tácitas). É quase axiomático que o bom artesão é aquele que tem experiência, e que o bom gestor é aquele que possui vivência de campo<sup>55</sup>.

O que dislumbra-se neste trabalho é propor uma discussão mais ampla para o fenômeno turismo, baseado em perspectivas (histórica, econômica-administrativa, sócio-política e ambiental) pouco consideradas ou, ainda, raramente interrelacionadas, e que podem contribuir para melhor entender os problemas ocasionados pela desconexão de interesses entre comunidades receptoras e o *trade* turístico, verificadas em experiências de aplicação de Agendas 21 em destinações turísticas e do PNMT.

Enfim, a atividade turística pode estar relacionada com o descobrir o outro e a relação física com o planeta, ao invés de *um trajeto sonambúlo guiado num mundo semifantasma*

---

<sup>51</sup> Nem todos os pesquisadores concordam com esta afirmação. Entre eles está a pesquisadora Margarita Barretto (1991) quando ela aponta: *O turismo como um espaço de lazer estaria dentro da cultura, portanto: Cultura > Lazer > Turismo* (p.47).

<sup>52</sup> GEERTZ (1978).

<sup>53</sup> CAVALLI-SFORZA (2003). São Tomás de Aquino (2000) já antecipava este mal entendido: *... a negrura da pele está no habitante da Etiópia devido à mistura dos elementos do seu organismo, e não em razão da alma ...* (p.51).

<sup>54</sup> DAMÁSIO (1996, 2000).

<sup>55</sup> SAMPAIO (2003b).

*de folclores e monumentos. A diversão contemporânea mantém o vazio que ela quer evitar*

56

## Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. <b>Confissões</b> . São Paulo: Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 1987.
ARISTÓTELES. <b>A ética a Nicômaco</b> . São Paulo: Martin Claret, 2002.
ARISTÓTELES. <b>Organom</b> . São Paulo: Nova Cultural, (Coleção Os Pensadores), 2000.
ARISTÓTELES. <b>A política</b> . São Paulo: Martins Fontes, 1991.
BARRETTO, Margarita. <b>Planejamento e organização em turismo</b> . Campinas: Papirus, 1991.
BERTRAND, Alain e WEBER, Jacques. From state to local commons in Madagascar: a national policy for local management of renewable resources. <b>5<sup>a</sup> Common Property Conference</b> . Bodo, Norway: 24-28 may, 1995.
BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. <b>Dicionário de Política</b> . Brasília: UnB, 2000.
CAVALLI-SFORZA, Luigi Luca. <b>Genes, povos e línguas</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
CHARDIN, Pierre Teilhard de. O fenômeno humano. São Paulo: CULTRIX, 2001.
DAMÁSIO, Antônio R. <b>O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
DAMÁSIO, Antônio R. <b>O mistério da consciência</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
DARWIN, Charles. <b>Origem das espécies</b> . Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
DE MASI, Domenico. <b>O ócio criativo</b> . Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
DIEGUES, Antonio Carlos. <b>O mito moderno da natureza intocada</b> . São Paulo: Hucitec, 1996.
DUMAZEDIER, Joffre. <b>Sociologia empírica do lazer</b> . São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999.
ENCICLOPÉDIA CONHECER 2000. Da pré-história à idade média. São Paulo: Nova Cultural, v.10, 1995.
GADGIL, Madhav et al.. <b>Participatory local level assessment of live support systems: a methodology manual</b> . Bangalore (India): Centre for Ecological Science (India Institute of Science). Technical Report N.78, 2000.
GEERTZ, Clifford. <b>A interpretação das culturas</b> . Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
HABERMAS, Jürgen. <b>Consciência moral e agir comunicativo</b> . Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1989.
HAWKING, Stephen W. <b>Uma breve história do tempo</b> . Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
HOBBS DE MALMESBURY, Thomas. <b>Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil</b> . São Paulo: Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 2000.
HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. <b>Dicionário houaiss da língua portuguesa</b> . Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
HUBERMAN, Leo. <b>História da riqueza do homem</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
ILLICH, Ivan. <b>A convivencialidade</b> . Lisboa: Europa-América, 1976.
LEFF, Enrique. <b>Epistemologia ambiental</b> . São Paulo: Cortez, 2001.
MANNHEIM, Karl. <b>Sociologia sistemática: uma introdução ao estudo da sociologia</b> . São Paulo: Pioneira, 1971.
MARX, Karl. <b>O capital: crítica da economia política. Volume I</b> . São Paulo: Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), Cultural, 2000.
MORGAN, Gareth. <b>Imagens da organização</b> . São Paulo: Atlas, 1986.
MORIN, Edgar. <b>O enigma do homem: para uma nova antropologia</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
MORRIS, Tom. <b>A nova alma do negócio</b> . Rio de Janeiro: Campus, 1998.
RAMOS, Alberto Guerreiro. <b>A nova ciência da organizações: uma reconceitualização da riqueza das</b>

<sup>56</sup> MORIN (1995).

<b>nações.</b> Rio de Janeiro: FGV, 1989.
POLANY, Karl. <b>A grande transformação.</b> Rio de Janeiro: Campus, 2000.
POLANY, Michel. <b>The tacit dimension.</b> Gloucester (Mass.): Peter Smith, 1983.
ROHMANN, Chris. <b>O livro das idéias: pensadores, teorias e conceitos que formam nossa visão de mundo.</b> Rio de Janeiro: Campus, 2000.
SACHS, Ignacy. <b>Inclusão social pelo trabalho: desenvolvimento humano, trabalho decente e o futuro dos empreendedores de pequeno porte.</b> Rio de Janeiro: Garamont, 2003.
SACHS, Ignacy. <b>Espaços, tempos e estratégias do desenvolvimento.</b> São Paulo: Vértice, 1986.
SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. <b>Sociologia do turismo: implicações da atividade turística como fenômeno humano.</b> Florianópolis, 2003b. (mimeo)
SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Um novo enfoque analítico de processos de tomada de decisão inseridos em metodologias de aplicação de Agendas 21 e PNMT: uma alternativa para promover o desenvolvimento turístico sustentável. <b>Turismo: Visão e Ação</b> , v. 6, n. 12, p.XX – XX, 2003a. (prelo)
SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. <b>Desenvolvimento Sustentável e Turismo.</b> Blumenau: EDIFURB; Florianópolis: Bernúncia, 2003b. (prelo)
SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce Sampaio. <b>Planejamento para o desenvolvimento sustentável: um estudo de caso e comparativo de municípios.</b> Florianópolis: Bernúncia, 2002.
SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. <b>Gestão organizacional estratégica para o desenvolvimento sustentável.</b> Itajaí: UNIVALI, 2000
SEN, Amartya. <b>Desenvolvimento como liberdade.</b> São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
SENGE, Peter. <b>A quinta disciplina.</b> São Paulo: Best Seller, 2001.
SINGER, Paul. <b>Introdução à economia solidária.</b> São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
TOYNBEE, Arnold. <b>Um estudo da história.</b> Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Martins Fontes, 1987.
WEBER, Max. <b>Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.</b> Brasília: UNB, 1999.